

A congregação das irmãs de Notre Dame e a educação em Maravilha – SC.

Alceu Antonio Werlang, Vitor Marcelo Vieira***

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre a relação entre a Companhia Colonizadora Sul Brasil, igreja e a escola. A pesquisa foi realizada a partir de documentação da Escola de Educação Básica Nossa Senhora da Salete. O início dos trabalhos da Congregação das Irmãs de Notre Dame no Brasil ocorreu em 07 de julho de 1923, na cidade de Não Me Toque - RS. Em 1953, a Madre provincial Maria Irmengarda, da Província de Santa Cruz, com sede em Passo Fundo-RS, veio a Maravilha com uma colega para implantar aqui uma escola primária, isso ocorreu em abril de 1957. O grande lema levado a cabo pelas irmãs de Notre Dame era o de prevenir para não remediar. Com esta visão cristã das irmãs, a sociedade regional vai se formando sob essa premissa religiosa, que irá conduzir os costumes, a ética e a moral das famílias. Resumidamente, a então sociedade maravilhense se forma nos preceitos da filosofia cristã, que dita as regras e a educação no povoado. O acesso aos documentos proporcionou a análise dos métodos pedagógicos empreendidos pelas irmãs e a disciplina rígida da escola. Juntamente com a implantação do Seminário da Sagrada Família, a Igreja vai disciplinando a população. A educação cristã ultrapassava os limites da escola para se alojar nas diversas reuniões do Clube de Mães, conduzida também pelas freiras.

Palavras-chave: educação, colonização, moral, religião, congregação.

No dia 11 de fevereiro de 1954, as irmãs Maria Borja, Maria Zenaide, Maria Florentina, Maria Reinildes e Maria Aurora saíram de São Carlos em direção a Maravilha, após acerto feito entre a Congregação de Notre Dame e a Companhia Territorial Sul Brasil. Além da presença dos padres e do seminário, era fundamental que alguém cuidasse da educação, dos princípios e valores morais da população. Esta era a tarefa principal destinada às Irmãs de Notre Dame em Maravilha. As Irmãs de Notre Dame, com sede provincial em Passo Fundo-RS, já haviam vindo a São Carlos-SC a partir de negociação com a Companhia Territorial Sul Brasil.

Com a expansão da colonização, a empresa encaminhou as irmãs para o novo povoado de Maravilha. Além da estruturação do convento, que visava à formação de noviças, as irmãs vinham para implantar o ensino para os filhos dos colonizadores, baseados na filosofia cristã.

Nesse artigo abordaremos a visão de mundo e as atividades das irmãs na educação das crianças maravilhenses, partindo de sua formação cristã. A nossa pesquisa analisa a chegada dessa ordem religiosa no Município, em 1954 até meados de 1975, quando o poder público estadual assumiu o Colégio Normal Estadual de Maravilha.

Buscamos analisar a filosofia religiosa e educacional ensinada pelas Irmãs de Notre Dame, e suas práticas pedagógicas; identificamos os princípios morais e éticos adotados na educação dos jovens.

Na pesquisa analisamos a documentação existente no colégio, entre os quais, diários, atas, apontamentos relacionados ao dia-a-dia da escola. Analisando as relações de poder existentes na escola a partir de Michel Foucault, ou seja, observamos as relações de poder presentes no convívio entre as irmãs e professores, alunos e pais.

O presente artigo trata da chegada das Irmãs de Notre Dame à Maravilha e o seu papel educacional dentro do projeto colonizatório da Companhia Sul Brasil; da implantação do seminário e a formação dos futuros padres; do papel da Igreja dentro da educação brasileira; da filosofia das irmãs, “prevenir para não remediar” e da dominação na instituição escolar.

As irmãs de Notre Dame em Maravilha.

No ano de 1953, a madre provincial Maria Irmengarda da Província de Santa Cruz, com sede em Passo Fundo-RS, acompanhada de outra irmã, veio para Maravilha para implantar aqui uma Escola Primária para educar as crianças. Passando em Palmitos, elas se dirigiram à Casa Canônica. De lá o Pe. Antônio Hammelstein e um motorista as acompanharam até Maravilha.

Os documentos não falam de quem era este motorista. Aliás, costuma-se na História Oficial, enaltecer apenas os “líderes” em detrimento das demais pessoas que contribuíram para o desenvolvimento sócio-cultural da região. Os livros escritos sobre a colonização de Maravilha costumam ter uma tendência a destacar a História a partir da colonização, deixando à margem os demais povos que viviam também nesta região. Mas quanto ao referido motorista, ele é lembrado apenas desta forma, como sendo o motorista que foi colocado à disposição pelo Dr. Leal da colonizadora Sul Brasil.

Percebe-se outra passagem do livro de Gialdi (2006) dizendo que “embarcaram no Jipe desse incansável desbravador, com seu Jipe tração quatro rodas e seguiram na estrada recém aberta até Maravilha”. Percebam que a marca do veículo é lembrada, inclusive com a potência de tração nas quatro rodas, mas o motorista, não se sabe de quem se tratava. O tempo o relegou ao esquecimento. A viagem é relatada e está nos anais da residência de Nossa Senhora da Salette de Maravilha. Conta que chegou a um lugar que possuía um galpão e algumas casas. Tratava-se de Cunha Porã-SC. Chegam ao fim da noite na moradia do Pe. Antônio. O Padre fala que elas não precisam ter medo, pois ele possui um revólver e de vez em quando empreende algum tiro que ecoa no mato a fim de afastar qualquer perigo. Quando clareou o padre tocou o sino e aos poucos o povo ia chegando.

O Padre apresentou as duas irmãs e explicou ao povo o motivo da visita delas. As irmãs fizeram contato com o povo, conhecendo as pessoas e depois retornaram. No ano seguinte, em 1954, várias irmãs vieram para ficar. São elas: Maria Florentina, Maria Renildis e Maria

Aurora, que passaram a trabalhar no seminário e Maria Borja e Maria Zenaide para atuarem na área da educação na Escola Reunida Vera Gomes de Miranda, a atual Escola de Educação Básica Nossa Senhora da Salete. De Passo Fundo elas saíram no dia 11 de fevereiro. Pernoitaram em São Carlos, onde as aguardava o Pe. Antônio, com uma caminhonete cedida pelo Dr. Leal da Companhia Territorial Sul Brasil. Quando chegaram a Maravilha foram recebidas por um coro de crianças que entoavam “louvado seja nosso senhor Jesus Cristo”.

Imediatamente as irmãs de Notre Dame passaram a residir no seminário. Com a construção da casa das irmãs, uma verdadeira obra-prima da arquitetura colonial de estilo europeu, as coisas ficaram mais fáceis. Em abril de 1957, as irmãs iniciaram a mudança para a casa que ainda não estava totalmente concluída. Foi preciso fazer a mudança braçal, sem auxílio de carroças e muito menos de caminhões, meios estes não disponíveis na ocasião. A inauguração da casa das irmãs aconteceu oficialmente no dia 22 de setembro de 1957, quando:

Todas nós estávamos ansiosamente esperando o clarear deste dia. Durante a noite ao me acordar dei uma espiada para fora da janela e umas estrelinhas me piscaram. Num sentimento de gratidão rezei o “Magnificat” [...] Pelas três horas da madrugada o senhor Ângelo Louvis que passou a noite em companhia do churrasco na ala velha, soltou os primeiros foguetes, acordando todo o pessoal [...] Logo após a Santa Missa teve lugar a procissão. Foi introduzida solenemente a estátua de Nossa Senhora da Salete que até então estava na capelinha das irmãs do seminário. Esta estátua foi doada por um senhor de Santa Lúcia às irmãs da escola [...] (ANCILA apud GIALDI, 1993, p.137-138).

A casa das irmãs, com toda a sua imponência, juntamente com o seminário e a Igreja, ilustravam a bela paisagem a qual de alguma forma proporcionava tranqüilidade para as famílias de colonos que logo abaixo residiam. A casa logo se transformou num internato destinado às moças, oriundas principalmente do interior, desejosas em continuar seus estudos.

O internato servia tanto para aquelas que queriam seguir a

vocação de freira, bem como aquelas que apenas queriam seguir os seus estudos. Aquelas que podiam pagar para seguir seus estudos eram cobradas mensalidades. As moças que não podiam pagar eram incumbidas de realizar serviços e completar o pagamento com produtos alimentícios que traziam da casa dos pais.

No dia 12 de fevereiro de 1954, na parte da tarde tiveram início as matrículas e no dia 15 do mesmo mês iniciaram as aulas na Escola pública, com a presença de 137 crianças. A Escola, que possuía 11 bancos, teve uma matrícula inicial de 211 alunos, sendo 115 meninos e 96 meninas (GIALDI, 2003).

O depoimento da irmã Maria Borja dá uma idéia da importância das irmãs dentro do projeto de colonização:

Era grande a ansiedade de chegar lá porque o Padre Antônio, aquele que chamavam de leão da serra, mandou enfeitar uma caminhonete com flores, e quando chegamos perto de Maravilha, soltaram foguetes [...] E lá estava todo o povo de Maravilha, e não era muito. As meninas pequenas como anjinhos, com pétalas de rosas nas mãos e nos receberam com muita alegria [...] Quando nós chegamos lá nem tinha colégio, era um seminário bem novo ainda, e nós então fomos à escola. A escola, minha filha, era um ranchinho cheio de frestas nas paredes e no chão, Também chovia muito dentro. Mas com muita alegria vieram muitas crianças para iniciar os trabalhos. Primeiro fizemos um exame com as crianças para ver em que condições estavam. Quase todas foram da 1ª para a 2ª série. Eram mais de 120 anjinhos, caridosos e muito espertos, muito espertos (BORJA, 2000).

Pelo depoimento da irmã, observamos que a Escola já existia em Maravilha quando da chegada das irmãs. Ela havia iniciado suas atividades ainda em 1952, funcionando num galpão de propriedade do Pe. Antônio Hammelstein. Construção esta que servia de moradia para os religiosos, escola e capela. No dia 24 de maio de 1952, a escola tornou-se estadual e passou a denominar-se de Escola Isolada Estadual de Maravilha. Logo a comunidade se encarregou de construir um local destinado somente à escola. O terreno onde ela foi construída foi doado pela Cia. Sul Brasil. Em 19 de maio de 1959, a construção foi

doadas ao governo do Estado, que em 1960 repassou-a para a Congregação de Notre Dame retornando ao Estado somente na década de 1980 (PERTUZATTI, 2005, p.24).

A escola era um ranchinho coberto com tabuinhas, bem ao estilo caboclo. Foi ali que começou o período que as irmãs estiveram a frente da educação em Maravilha. Em fevereiro de 1954, chegaram os primeiros seminaristas, que coincidiu com a chegada das cinco destemidas irmãs a estas terras.

A julgar pelo clima festivo daquele 11 de fevereiro, o dia deveria mesmo se apresentar radiante. Mas é possível nos remetermos ao período e procurar analisá-lo a partir da visão de mundo existente naquele período histórico. Fazer parte desta atmosfera nos deixa emocionados, a ponto de perceber a simplicidade com que as crianças receberam aquelas freiras. Um dia que sem dúvida não seria esquecido pelas irmãs e nem pelas lideranças e demais presentes.

Considerando que a colonização de Maravilha só iniciou no final da década de 1940, constatamos que foram grandes as mudanças ocorridas já nos anos de 1953 e 1954. Pertuzatti assim comenta:

O seminário foi fundado oficialmente em 25 de novembro de 1953 e a inauguração do mesmo [...] no dia 28 de fevereiro de 1954. Também em maio do mesmo ano, o padre Antônio Hammelstein, construtor do seminário, deixa Maravilha e se transfere para a Alemanha. Outra grande mudança foi a alteração da nomenclatura da escola: passa a denominar-se Escolas Reunidas Vera Gomes de Miranda. Irmã Maria Borja assume a direção e, com a ajuda da comunidade, se empenha na construção de novas salas de aula, pois, os 137 alunos já não tinham mais espaço onde estudar (PERTUZATTI, 2005, p.27).

No ano de 1956, as instalações escolares foram ampliadas para atender a demanda de quase 300 alunos. Houve também o aumento no número de professores. As irmãs registravam todas as ações desenvolvidas em escrita manual em livros e atas. Havia inclusive o Livro de Correspondência que registrava os comunicados que eram enviados às autoridades ligadas à área da educação e ao governo estadual.

O terreno onde funcionava a escola pertencia até então à Cia. Sul Brasil, que doaria o mesmo ao Estado no ano de 1959 e este por sua vez doaria em 1960 à Congregação Notre Dame. A construção e o mobiliário pertenciam à Congregação que o alugava para o Estado.

Exmo.sr. Governador do Estado Dr. Jorge Lacerda. A abaixo assinada, Diretora do Grupo Escolar “Nossa Senhora da Salete” em Maravilha, distrito de Cunha Porá, município de Palmitos, vem pedir respeitosamente se digne V. Excia. Conceder o pagamento de aluguel de prédio Cr\$ 1.000,00 mensais visto pertencer o referido prédio onde funciona o estabelecimento, as Irmãs que nele tem exercício. Nestes termos pede deferimento. Maravilha, 9 de setembro de 1956. Irmã Maria Borja, Diretora (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIA, Escolas Reunidas Profª. Vera Gomes de Miranda, 09 de setembro de 1956, p.3).

É mister ressaltar que o prédio foi construído pelas Irmãs que recebiam aluguel do governo do Estado. Elas administravam o colégio, lecionavam, ajudavam com materiais, e contratavam os professores, os quais eram pagos pelo governo estadual.

A transformação da Escola em Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete se deu através do decreto 171/56 de 13 de junho de 1956. A mudança se tornava necessária devido ao aumento dos alunos ocasionado pelo avanço da colonização. O fato de ser uma escola administrada pelas irmãs atraía as famílias para o povoado. O seminário, a escola das irmãs e os próprios religiosos, constituíam-se numa referência moral e espiritual e mola impulsionadora da colonização.

Consta que o nome do grupo escolar teria sido uma sugestão do então reitor do seminário, Pe. Pedro Elsen “[...] considerando a devoção que esta congregação tem, partindo de seu fundador o Pe. João Batista Berthier, por Nossa Senhora da Salete” (PERTUZATTI, 2005, p.29). O nome anterior, Escolas Reunidas Vera Gomes de Miranda havia sido feito em homenagem a uma professora, residente no litoral e filha de um influente político que teria doado um quadro negro.

O Seminário: a busca de futuros padres.

A presença dos padres e a construção de um seminário valorizavam muito as terras da colonizadora. Por isso, a Cia. Sul Brasil doou o terreno para a construção do Seminário Nossa Senhora de Fátima. A História do seminário de Maravilha está intimamente ligada aos padres Missionários da Sagrada Família. A atuação da congregação em Santa Catarina se delimita à área localizada entre os rios Uruguai, Antas e o Chapecó, exatamente a região colonizada pela Cia. Sul Brasil. O plano de se construir um seminário na região iniciou em 1950, através do Pe. José Bunse, então pároco de São Carlos. A criação do seminário ocorreu no dia 25 de novembro de 1953, sendo inaugurado no dia 28 de fevereiro de 1954. A festa de inauguração, que foi organizada pelas irmãs de Notre Dame, contou com a presença da madre provincial da Congregação de Notre Dame, Maria Irmengarda (GIALDI, 1993, p.118).

Maravilha na época era apenas um povoado, pertencia ao Distrito de Cunha Porã e Município de Palmitos. Mas o fato de ali se consumir a construção de um seminário, demonstra que a colonizadora apostava neste novo povoado. As aulas no seminário tiveram início no dia 8 de março de 1954, em condições precárias:

Ainda mais era dificultoso o ensino porque os meninos vieram de diversas zonas de pouca instrução escolar. Tudo era novo para os meninos: o horário fixo e sério da vida religiosa custou-lhes algum pouco. Como se prepararam para chegar cedo aos exercícios comuns para não precisarem beijar o chão [...] E muitos meninos vieram sem marcar a roupa (ANAIS DA RESIDÊNCIA DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA, DE MARAVILHA).

Aos poucos, com a expansão do ensino primário na área rural, os seminaristas vinham com o primário concluído. Um religioso visitava as escolas da região estimulando as vocações e orientando as famílias dos futuros seminaristas sobre as providências a serem

tomadas, inclusive marcar as roupas para que não houvesse confusão nas lavanderias.

Aos poucos estava se formando no povoado uma estrutura voltada para o atendimento religioso e educacional. No dia 18 de setembro de 1955 foi inaugurada, bem no alto da Avenida Araucária, a capela que servia ao seminário, às irmãs e a população em geral. O fato do seminário e a capela ficarem bem no alto, demonstra bem o poder da igreja dentro do projeto colonizador. Apresentavam-se como se fossem os “olhos protetores” dos moradores do povoado. Esse sentimento de amparo, sentido entre os moradores, com a presença dos padres e das irmãs se torna fator preponderante para o desenvolvimento da pequena comunidade, pois:

[...] sua presença marcou época; e, com seu espírito religioso, culto e honesto, transformaram toda uma vasta região. Sabemos que muitos moradores escolheram esta comunidade porque já contava com a presença de padres e até um seminário; lugar abençoado, portanto. Na colina, hoje chamada morro do Seminário, seria o pára-raios para os moradores e suas residências na planície (GIALDI, 1993, p.119).

Gialdi escreve, partindo de sua ótica religiosa, enaltecendo que o lugar se torna abençoado pela presença do “espírito religioso, culto e honesto [...]” do seminário. Não se pode negar o fato de que a presença da instituição religiosa no povoado compactuava com a visão de mundo e filosofia da Cia. Sul Brasil e dos próprios colonos. O Pe. Pedro Elsen, primeiro reitor do seminário, deixou escrito que “[...] pouco a pouco foram-se desmatando as imensas matas virgens e, por toda parte, surgiram prósperas colônias” (ELSEN apud GIALDI, 1993, p.119). Entre 1974 e 1978 foi construído um novo Seminário, este de alvenaria

Próximo ao pomar do seminário existe um cemitério, cercado de árvores e flores, onde estão sepultados religiosos e demais trabalhadores que já passaram por esta instituição, entre eles o primeiro reitor, Pe. Pedro Elsen. Este é o templo da religiosidade e da educação. Os padres da Sagrada Família estabeleceram dez casas

paroquiais em território colonizado pela Cia. Sul Brasil. Os seminaristas, filhos de agricultores, vinham destas paróquias e realizavam neste educandário os primeiros anos de estudo para depois seguirem para outros seminários.

Como inúmeras famílias que chegaram a Maravilha eram de profissão luterana, uma segunda igreja foi construída num outro elevado da cidade. O atendimento religioso era administrado pelos pastores e a educação escolar era a mesma dos católicos.

O Seminário: a busca de futuros padres.

Inúmeras foram as contribuições educacionais realizadas em Santa Catarina pelas instituições religiosas até que ocorresse a implantação efetiva do ensino público. Várias experiências são relatadas na obra “Mosaico de Escolas”, organizado pelo professor Norberto Dallabrida. Em seu ensaio sobre as Escolas Paroquiais, Rogério Luiz Sousa vai dizer que desde a inauguração da república brasileira até 1930, não havia se formado nenhum sistema de educação do que pretendia ser a Escola Moderna e Liberal. Mesmo que a constituição Republicana de 1891 pretendesse assegurar o ensino laico na escola pública, havia dúvidas se ela seria implantada. Havia a necessidade de ampliar a rede de ensino com a construção de espaços públicos, mas para isso precisava-se superar a inviabilidade das regiões afastadas. Isto fica bem claro quando Sousa diz que:

A emancipação de um Estado Republicano precisava contar com as instituições escolares que contribuíssem com o desenvolvimento da indústria e a difusão de um saber positivista legitimamente aceitável entre a população. A reforma de Benjamin Constant, que tinha como princípios norteadores a laicidade do ensino, a formação na ciência e a gratuidade da escola primária, não estava de mãos atadas diante da ineficiência do Estado. Portanto, a expansão do ensino e a organização escolar dependiam da influência e da experiência acumulada da Igreja Católica no setor educacional - como é reconhecido na historiografia brasileira - no intuito de dar uma resposta também à secularização do ensino propagada pelos liberais republicanos (SOUSA, 2003, p.157).

Sousa enfatiza ainda que aqui em Santa Catarina “o governo estimulou e subvencionou escolas particulares, principalmente as católicas, que investiam na ordem e hierarquização social. Era comum escolas públicas e subvencionadas terem doutrina cristã todos os dias, fora da hora de expediente e, algumas vezes adotarem manuais de catecismo durante o horário normal das aulas” (SOUSA, 2003, p.160).

Em outra passagem, Sousa deixa bem claro o papel educacional desempenhado pela Igreja:

A Igreja carregava e reproduzia os princípios de sustentação do Estado Republicano tais como: ordem, obediência, trabalho, amor à pátria, progresso, mimetismo europeu, etc.[...] Era da percepção dos governantes a condição concreta de interferência da Igreja Católica no cotidiano dos sujeitos sociais. Contar com sua força de legitimidade ou, pelo menos de atuação na área educacional era suprir inicialmente uma deficiência financeira e realizar uma mudança comportamental dos sujeitos atingidos por esta escolarização (SOUSA, 2003, p.160).

Ainda segundo Sousa (2003, p.160), a Igreja buscava “[...] promover uma ação assistencial e educacional que permitisse dar as bases cristãs ao ensino laico e garantisse sua inserção e permanência na sociedade brasileira”. O autor lembra ainda que o cenário propicia o surgimento de rede escolar católica popular, dotada de referencial cristão-romanizador. Surgem então as Escolas Paroquiais, instituindo paradigma cristão através da catequização.

A aparente indiferença pela educação escondia as difíceis condições em que os imigrantes viviam e a impossibilidade financeira de os filhos freqüentarem as escolas. [...] investir nas escolas passou a ser uma ação intencional da Igreja Católica, das elites das localidades, da diplomacia italiana e do governo republicano, que somente passou a impor a escola pública nas colônias estrangeiras quando encetou a campanha para a construção de uma identidade nacional. Através da escola primária e por meio do poder simbólico, esses líderes procuraram criar um imaginário social, constituir sujeitos e significar esse espaço segundo suas representações (OTTO, 2003, p.106).

No processo de ensino das Irmãs de Notre Dame em Maravilha, observa-se uma parceria entre a Igreja, o poder público estadual e a empresa colonizadora. A escola buscou formar a elite desta nova sociedade dentro da perspectiva capitalista. Neste contexto, poderíamos considerar que:

A escola excluía socialmente, pois fixava os graus ou séries de ensino, os padrões a que deveriam atingir os alunos capazes de seguir o curso; e aqueles que se revelassem incapazes, eram reprovados tornando-se repetentes ou excluídos, uma vez que nessa organização cabe ao aluno adaptar-se ao ensino e não o ensino ao aluno (SANTOMÉ apud DALABRIDA, 2003).

Existe uma relação fundamentada na dialética do poder de dominação. Desta forma, podemos nos embasar na teoria de Thompson (1987). Ele teoriza a maneira das classes proprietárias colocarem ordem na casa dos pobres, sendo que: “A mensagem para os pobres trabalhadores era simples: paciência, trabalho, sobriedade, frugalidade e religião é que se deve recomendar a eles; tudo o mais é pura fraude”. A fala do autor resume bem a ideologia da educação das Irmãs de Notre Dame. Para elas, era necessário educar as crianças, filhos dos colonizadores, com princípios do cristianismo e do trabalho. O autor vai dizer também que o historiador encontra mais conteúdo nas fontes da classe dominante. E foi exatamente isso que aconteceu. Os documentos a que tivemos acesso foram aqueles que relataram as atividades, os princípios, os valores e a moral, da Congregação de Notre Dame.

Prevenir para não remediar

O grande lema que era levado a cabo pelas irmãs, no que se refere à disciplina, é o “prevenir para não remediar”. Através desse fundamento, o corpo docente do grupo escolar era instruído a ficar vigilante no início, no recreio e no final das aulas, sendo que desta forma as crianças não teriam oportunidade para “artes e briguinhas”.

A disciplina em geral é boa nas aulas. Deixa um pouco a desejar nas aulas do 3º ano Z e 2º ano Z, o que atribuo a falta de prática e ao caráter um tanto violento da professora. [...] A assiduidade do professorado muito tem contribuído para a boa disciplina. Igualmente nas formaturas as professoras exercem vigilância ao lado das fileiras e acompanham os alunos que em silêncio entram na sala de aula. Também nos recreios a disciplina é boa. Meninos e meninas brincam em pátios separados. As penas disciplinares aplicadas pelas professoras e pela direção foram em geral admoestações, repreensões e algumas vezes pequenos castigos morais, Castigos físicos não são aplicados (IRMÃ MARIA ANCILA, RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1957, P.14).

A formatura a qual a irmã Ancila se refere, trata-se da formatura das filas, seja antes de entrar na sala de aula ou mesmo durante hora cívica que ocorria com freqüência. O Grupo Escolar comandado pelas irmãs teve um caráter moralizador baseado nos rigores dos princípios cristãos. O fato da Escola ser coordenada pelas religiosas, gerava plena confiança na comunidade, pois acreditava que seus filhos estavam bem encaminhados. A irmã Maria Ancila embasa a filosofia da escola no princípio de prevenir quando diz que:

Tanto professores como a direção do Grupo, exercem sua autoridade de maneira preventiva, evitando deixar os alunos á sós ou em condição de dar motivo a ações indisciplinares. [...] Enquanto os alunos tomam a sopa é lhes permitido conversarem um pouco, pois foi assim que diversos alunos começaram de gostar da sopa estimulados por seus colegas (MARIA ANCILA, RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1959).

Nas reuniões pedagógicas eram abordados os mais diversos assuntos referentes ao ensino, mas o foco principal era voltado para a higiene, sobre a obrigatoriedade do uniforme, cuidados com a caligrafia e até mesmo a maneira do aluno manusear o lápis. Os professores deveriam vigiar os alunos no recreio, orientando-os na formação das filas antes de entrarem nas salas. Quanto aos castigos:

Foi falado sobre os castigos que podem ser aplicados em caso de necessidade. Serviu como norma o Regulamento de 1946. A disciplina deve ser preventiva. [...] Devemos educar nossos alunos integralmente, quer dizer que sejam bem educados em todas as circunstâncias da vida; na escola, na rua, em casa e na sociedade em geral. [...] Para facilitar os trabalhos de fins do ano, seria bom já classificar os alunos em fortes, médios e fracos. A diretora explicou como fazer esta classificação. [...] Finalmente foi pedido ao professorado que seja exemplo de boa educação e de boas maneiras. Sobretudo devem evitar os trajes indecentes (ATAS DO RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1957).

O prevenir proposto na escola ia desde a separação dos meninos e meninas no intervalo até o olhar constante dos professores sobre os alunos. Filas e silêncio eram formas de manter a disciplina. O medo estava presente no meio escolar, apesar de se evitar certos castigos como as surras. Essa educação disciplinadora e com fundamentos no cristianismo se torna a marca da filosofia empregada pelas irmãs no Grupo Escolar. Fica bem evidenciado quando a diretora fornece a fórmula para classificar os alunos em “fortes, médios e fracos”, aliás, fórmula essa que foi explicada na reunião pedagógica. A vestimenta dos professor(a)s era observada, exigiam-se trajes decentes. A diretora solicita às professoras para que atentem sobre o uso de roupas indecentes. Era preciso servir de exemplo para os alunos. O senso de ordem e civilidade era levado muito a sério e nas reuniões pedagógicas se insistia bastante na questão da disciplina:

Cada professor deverá cuidar da ordem na sua classe e ensinar aos alunos a serem ordeiros. [...] No estudo da Geografia e também da História o professor deverá ocupar frequentemente o mapa. [...] Na sala de aula se espelha a vida. Ela deve ser para os educandos um lar que amam, do qual se orgulham e pelo qual se sentem responsáveis. [...] No modo de cumprimentar é que se revela o homem educado e o que tem educação deficiente. Na aula devem os alunos levantar-se ao entrar e sair o professor ou qualquer outra autoridade. [...] Foi tratado a questão da “criança problema”. [...] Decorar o catecismo com as crianças do 1º e 2º ano que se preparam para a primeira comunhão (RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1958).

A criança que não se enquadrava nos padrões estabelecidos era considerada uma “criança problema”. De fato o ensino não era laico. Escola e catecismo andavam juntos. Tinha suas bases fundamentadas no cristianismo e na civilidade. Mais do que simplesmente um sistema de ensino, tratava-se de preparar o aluno para uma vida de civilidade, com respeito à pátria, às autoridades e à igreja.

O professor é antes de tudo educador, fará todo possível para formar de seus alunos, membros úteis á sociedade, filhos fiéis da igreja e um eleito na eternidade. Só um mestre desinteressado no que alude á classes sociais e interesses puramente particulares estará na altura de tratar com carinho e dedicação todos os alunos sem fazer distinções; lembre-se o educador que se há um aluno que seja mais merecedor de afetos então é aquele que se sente mais abandonado em família e desprovido de recursos. [...] O aluno quando falar com o professor deverá sempre levantar-se quando estiver sentado. [...] Não devemos descuidar essas pequenas regras de civilidade... (ATAS DAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS, RELATÓRIO ANUAL GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1959).

Nas atas das reuniões pedagógicas, evidencia-se que a educação e a religiosidade vêm para disciplinar o educando, visando construir uma sociedade ordeira e trabalhadora que a colonizadora buscava construir. Desta forma, as irmãs e os religiosos do seminário vieram para legitimar e consolidar o poder da colonizadora.

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe em determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo o caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piraminizado (FOUCAULT, 1979, p. 48).

Com o trabalho educativo e religioso, as bases morais das famílias de colonos que aqui moravam foram solidificados. Sobre as famílias, descendentes de caboclos que aqui já se encontravam, ou

mesmo os que vieram depois, tiveram dificuldades de se integrar nesta sociedade. Não temos informação se foram incluídos neste círculo ou não, pois junto com a benevolência se apresentava também o rigor desse processo educativo/colonizador:

É louvável a prontidão do povo em auxiliar a escola em suas necessidades. Pelo proceder dos alunos pode se verificar que em casa os pais dão todo o apoio aos professores. Como em tôdas as coisas, também aqui há exceções. Uma família apenas, que tem algo a criticar sôbre (sic) a escola, porque a direção não aceitou uma filha desta mesma família, como professora do grupo Escolar "por considera-la incapaz e de poucos sentimentos de moral, e justamente porque também os pais se opuzeram a que ela lecionasse no grupo (RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR N. S. DA SALETE, 1957).

O fato da Irmã Ancila, diretora do Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete, tecer o comentário afirmando de que "uma família apenas" critica a escola, propõe uma situação de que possivelmente haja também exclusão no que se refere aos alunos.

A diretora do Grupo Escolar procurava orientar os professores das mais diversas formas, geralmente para que estes atentassem quanto à disciplina e a ordem na sala de aula. Neste momento impera um modelo de escola disciplinadora que visa à preparação, sobretudo para o trabalho. O professor se torna o centro do processo de ensino, e desta forma:

metodologia ao professorado. Em palestras e explicações particulares com os professores dei esclarecimentos e orientação sobre a maneira de tratar os alunos e conduzi-los a querer aquilo que o professor quer (RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, 1958).

No relatório anual do Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete de 1957, consta a avaliação dos docentes feita pela Irmã Ancila. Nesta avaliação podemos observar que os aspectos mais analisados são a assiduidade, pontualidade e principalmente a capacidade de manter

a disciplina da turma. Para entendermos melhor o que era considerado um bom educador, vamos transcrever as principais observações feitas em relação aos professores.

Como alguns professores ainda estão vivos, vamos usar nomes fictícios: “Irmã Maria Flores: apesar de ter uma turma de 54 alunos, procurou tornar o seu ensino mais eficiente possível. A disciplina que manteve sempre foi ótima e apesar dos outros cargos que ocupa além escola, a sua assiduidade e pontualidade é louvável”.

Irmã Maria Rosa: dedica-se com carinho e amor ao ensino. Quase todos os alunos das duas turmas estão alfabetizados e aptos para se matricular em no segundo ano. Foi ótima a colaboração das suas turmas nas comemorações escolares. Pontualidade e assiduidade excelente.

Professora Catarina: disciplina ótima e muita ordem na maneira de ensinar seus 43 alunos. Sobre assiduidade e pontualidade nada tenho a dizer. Já é professora há 22 anos, possuindo muita prática e experiência, além de sua dedicação e interesse pelo sucesso dos alunos. Cooperou fielmente em todas as comemorações e nos recreios. É orientadora da Liga da Bondade. Cargo que exerceu com muita eficiência.

Professora Benta Rodrigues: possui boa vontade e é capaz. ‘Somente deixa a desejar na disciplina, o que atribuo a falta de conhecimentos pedagógicos’. É elogiada pela sua pontualidade e cooperação social nos recreios

Professora Lúcia Constantina: apesar de não ter título, é considerada muito capaz e ótima professora. Trabalhou no 1º ano e adotou o método fônico, conseguindo alfabetizar metade da classe, apesar de as crianças serem todas novatas e fracas. Contribuiu com zelo em todas as comemorações escolares e na cooperação social nos recreios.

Professora Antônia: trabalhou com muito interesse e capricho, conseguiu alfabetizar a maioria da classe apesar de ser o 1º ano fraco. No início do ano teve dificuldade com a disciplina, mas depois de algumas explicações pedagógicas melhorou bastante e agora está boa”.

Em relação a avaliação dos professores do ano de 1957, a irmã diretora conclui: “Reinou sempre muita harmonia, cooperação e altruísmo entre a direção e a docência do grupo. Pois a União faz a força”.

No relatório de 1958 outros professores estão relacionados, sendo que pela primeira vez aparece o nome de um professor. Sobre ele se afirma que lhe falta apenas alguma prática e que lecionou educação física em todas as classes uma vez por semana, sem gratificação alguma. Os aspectos avaliados pela direção, continuam os mesmos. No entanto para mostrar o rigor das avaliações, transcrevemos a avaliação integral da professora Leda:

Regente do 1º ano x. Trabalhou já alguns anos no Rio Grande do Sul. Não tem princípios pedagógicos e didáticos, como também não se dedica com carinho e entusiasmo às crianças. A disciplina foi péssima, lançou mão de castigos físicos proibidos pelo regulamento. Em vista de tudo isso o aproveitamento dos alunos foi péssimo. Não poderá continuar no próximo ano, para o que será avisada dois meses [sic] antes (RELATÓRIO ANUAL, 1958).

Este depoimento por si só demonstra que ou os professores seguiam a risca as ordens da direção nos quesitos de pontualidade, assiduidade, manutenção da disciplina, colaboração nas comemorações escolares e vigilância nos recreios, ou eram excluídos do corpo docente. No ano de 1958 mais duas professoras foram exoneradas. Uma teria solicitado desligamento que é atribuído à falta de dedicação ao ensino e desinteresse em levar a classe a se amoldar ao regulamento. O outro pedido de desligamento feito pela professora Bemair, dá-se em função da ocorrência de um sinistro:

Foi regente do 1º ano z. Iniciou com entusiasmo e dedicação o trabalho às crianças. O aproveitamento das mesmas era satisfatório. Infelizmente em 22 de agosto sofreu um grande abalo moral em consequência do incêndio do moinho, propriedade de seus irmãos, como também da loja e moradia. Não mais foi capaz de continuar a trabalhar na aula, e viu-se obrigada a entregar a classe à Irmã Maria Mitis. Será exonerada a pedido em fins do ano (RELATÓRIO ANUAL, 1958).

Esses exemplos mostram o modelo de professor desejado e problemas pessoais ou familiares, de certa forma não poderiam ser justificativas para o descumprimento das obrigações.

A dominação na instituição escolar.

Os métodos de trabalho empregados pelas freiras na educação, iam ao encontro com a ideologia política presente no cenário político nacional. Os ideais de patriotismo e respeito às instituições e autoridades eram algo muito presente, principalmente no meio escolar. A própria doutrina religiosa compactuava com esse senso de civilidade e amor à pátria. As regras de conduta e convivência em sociedade, começavam a ser “implementadas” pela escola. Havia duas escolhas possíveis: adaptar-se a elas ou não.

Neste último caso, as resistências resultavam em exclusão, tanto de docentes como alunos.

[...] a Explicitadora colocou no quadro alguns itens sobre medidas disciplinares para setenta e dois e chegou-se a conclusão que deveria ter um Regimento Interno para o primário, ginásio e normal. Os alunos que chegam tarde recebem falta, mas entram na sala de aula e os alunos que vem sem uniforme também será usado o mesmo sistema. Avisar-se-á os pais dos alunos que gazeiam e se não der resultado eles serão suspensos. [...] O aluno que discutir com o professor será suspenso das aulas (LIVRO DE ATA N°. 49, 1971, p.61).

Foucault entende que o poder não é localizado num estado, nem pode ser conseguido somente a partir de repressão:

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que interessa não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político:

aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralizando ofertas do contra-poder, Isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos, aumentar a força econômica e diminuir a força política (MACHADO, 1979, p.XVI).

Esta citação nos ajuda entender tanto o papel das irmãs dentro da sociedade de Maravilha como os interesses da colonizadora. As irmãs são trazidas pela colonizadora para valorizar as terras, através da garantia de escola para os filhos dos colonos. Mas, sua função vai além, pois educariam os alunos para serem sujeitos dóceis e trabalhadores. Isto garantiria a harmonia e o progresso da sociedade.

No Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete estava presente muito mais do que costumeiras reuniões pedagógicas. Era uma oportunidade para legitimar uma posição de dominação. Esse sistema não comportava a dialética do processo de ensino/aprendizagem, mas sim uma proposta centralizadora que vinha de cima, estabelecendo regras, leis, doutrinas e ideologias que estavam colocadas não para serem questionadas, mas para simplesmente serem cumpridas. Punem-se os que transgridem e s condecora-se quem cumpre o seu papel.

Analisado todos os assuntos, passou-se as condecorações. A condecoradora, professora Gilse, fez belíssimas faixas e condecorou o professor Adelar, por ter sido o professor que mais falou, condecorou a Explicitadora, Irmã Lúcia, a animadora, professora Ilse, o Recepcionista, professor Osvaldo, o recreador, professor Altair, o cronometrista, professor Francisco {...} (LIVRO DE ATA Nº. 49, 1971, p.61).

Sob os mais diversos aspectos, a escola se torna um meio eficiente de dominação, abrigando na sua pedagogia e metodologia as mais diversas formas de promover a formação de um indivíduo “civilizado”, preparado para receber das relações de poder as mais diversas ordens. A escola, desta forma, torna-se um eficiente

instrumento da ideologia dominante. O cidadão vai aprender a respeitar os preceitos de ordem e progresso e obediência às autoridades e às instituições. Assim sendo, Foucault (1979) vai dizer que: “Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar”.

Na ata número 52, do dia 30 de março (1972, p.66), está registrado um “Rastreamento do Sistema Pedagógico”, como foi chamado, para identificar alguns dados da escola. A respeito do corpo docente e também dos alunos, registra-se o seguinte:

Formação Profissional: Licenciados - Acadêmicos, Normalistas, Normalistas estudantes, [...] Complementar, primário incompleto e Mobral. Sexo: masculino e feminino. Idade: 17 até quarenta e cinco anos. Etnias: alemão, italiano, português e polonês. Condições sociais: média ou regular. Proveniência: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Alunos e pais: agricultor, comercio, operário e desempregado, idade varia dos quatro aos quarenta e cinco anos. Etnias: alemão, italiano, polonês, português, preto, mameluco. Condições sociais: média a pobre. Comutações: contato e relacionamento de pessoal interno - existe influência de um sobre (sic) o outro. Há algumas distâncias, grupos e subgrupos. Há fofocas de gozação.

As irmãs da Congregação de Notre Dame trocam de nome, sendo o primeiro nome de Maria. Todas estas religiosas citadas a seguir trabalharam como professoras no Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete. São elas: Elita Pokulat (Irmã Maria Zenaide); Lurdes Giratto (Irmã Maria das Mercês); Lúcia Linck (Irmã Maria Ancila), que em 1957 assume a direção do Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete em substituição a Paulina Strehl (Irmã Maria Borja); Cecília Lümberger (Irmã Maria Gracilda); Josephina A. Balzan (Irmã Maria Mitis); Ivone Pippi (Irmã Maria Neiva); Maria Gentil Magagnin (Irmã Maria Constância); Nestorina Giongo (Irmã Maria Noeli); Nair Thiesen (Irmã Maria Claret); Almira Mior (Irmã Maria Inocente); Rosa Maria Castella (Irmã Maria Luzia); Terezinha Berres (Irmã Maria Gregorita); Maria Helena Stefanelo (Irmã Maria

Antoninha); Maria Anunciação de Oliveira (Irmã Maria Judit); Therezinha Giacomolli (Irmã Maria Ecila). Além das irmãs, lecionaram também professores leigos.

É interessante observar como as irmãs, especialmente a Irmã Maria Ancila, diretora da então Escola Básica Nossa Senhora da Salete, estava acompanhando as mudanças. Numa das várias reuniões pedagógicas, ela e a Irmã Maria Inocente chegam a seguinte conclusão:

Viu-se que a comunicação de hoje está transformada em máquinas. O homem apenas raciocina. O novo homem não se limita á isso, quer algo mais. Busca uma comunhão em que possa viver humanamente, valorizada como pessoa e não como robô. O aluno é um ser que busca conhecimentos, quer formação. Nós queremos que ele seja capaz de enfrentar o mundo conscientemente. Devemos dar atenção, encontrar oportunidades para poder dialogar, conhecer e orientar essa gente que quer ser alguém (ATA N°. 60, 1974, P.75).

As irmãs se deparam com um novo mercado de trabalho no qual está presente a máquina. Contudo, a religiosidade e a moral continuam sendo a marca da escola, de tal forma que a preocupação com a educação da sociedade não se limitava simplesmente no ambiente escolar. Foi criado no dia 28 de maio de 1961 o Clube de Mães do Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete. O objetivo deste grupo era trabalhar a questão moral da família e também acompanhar o rendimento dos filhos na escola. Participavam do Clube as irmãs Maria Inocente, Maria Constância, Maria Ancila, Maria das Mercês e mais quarenta e três sócias, mães de alunos devidamente matriculados na escola.

O clube se dedicava à abordar assuntos referentes à educação dos filhos e inclusive a promover cursos pré-nupciais. As famílias sofriam forte influência das irmãs a ponto delas se tornarem uma espécie de “vigilantes da moral e dos bons costumes” da sociedade. Isto ficou evidenciado no ano de 1965 quando a Irmã Maria Ancila conclamou a união das mães para impedirem a abertura de uma

“casa de corrupção” que estava prestes a funcionar na cidade. A doutrina repassada pela Irmã Ancila, nas reuniões, era fundamentada na união da família em seus direitos sagrados contra as forças externas que buscam vacilar as bases familiares:

Uma mãe inteligente saberá fazer de sua família uma pequena e agradável sociedade, fazer tanto como seus filhos e esposo se sintam bem no lar. Não basta proibir aos filhos, você não vá lá, em tal sociedade, ou não leia esta revista ou livro mau, é preciso já, antes de tal coisa tirar-lhe [...] Como por exemplo ter um rádio em casa, não sai tão caro e é útil e instrutivo. Não recalcar ou inibir o espírito de curiosidade sexual mas em tempo oportuno quando o filho perguntar devemos orientá-lo. Conduzi-lo para seu pleno e sadio desabrochamento dentro de uma esfera moral e religiosa, principalmente as mães preparem as filhas antes do casamento. Não ter vergonha de falar, pois por esse falso pudor talvez quantas lágrimas terá de verter sua filha (LIVRO DE ATAS DO CLUBE DE MÃES DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, ATANº. 1, 28 DE MAIO DE 1961).

Estamos na década de 1960, a década que traz a eclosão do golpe militar no Brasil. Os valores morais eram outros em relação aos dias de hoje. A organização da família é forjada e legitimada pelo Estado, Igreja e pela escola. O homem carrega o título de chefe da família. A mulher deve ser submissa segundo os padrões da época defendidos pela religião. Desta forma, Irmã Ancila, repassava as orientações:

Orientou bastante para as esposas, procurarem tudo fazer para serem mesmo o sol do lar. Dentro sim de suas possibilidades cuidar muito da aparência pessoal para agradar o esposo. Muitas relacham (sic) em aparecer bonitas e pensam “há eu tenho o meu” sim acrescentou tu tens o teu então segura-o faça com que o se sintam atraído ao lar é teu dever também. Finalizou explicando ‘há economias que custam caro’ (IDEM ATANº. 1 DE 28 DE MAIO DE 1961, p.1).

Segundo Foucault (1979, p.230), “poder falar da sexualidade se podia muito bem e muito, mas somente para proibi-lo. [...] o endurecimento não se dá só nos discursos mas na realidade das

instituições e práticas”. A comunidade organizava-se em torno dos princípios educacionais e religiosos difundidos pelas irmãs. A maneira de educar os filhos constantemente era lembrada nas reuniões do Clube de Mães:

Nesta altura a D.D. Orientadora leu-nos uns trechos da Bíblia sobre ‘Autoridade do homem no lar’ e Poema alfabético sobre a mulher virtuosa. Cujos trechos tanto agradou as ouvintes que umas já prometeram comprar a Bíblia e outras as que têm de estudá-la mais.[...] as mulheres sejam submissas, a seus maridos como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. Nós como religiosas mesmo dum certo modo também dependemos do homem. [...] que a esposa e mãe mantenha-se sempre calma e aja com maneiras delicadas. Desta maneira conseguirá tudo de seu esposo, bem como de seus filhos.[...] a mãe tem o dever de castigar seus filhos quando estes merecerem. Acrescentou que: quem mais executa seus filhos, mais gosta deles. Os pais não devem fazer a vontade do filho, não expor-se (sic) a muitas brincadeiras com ele e nem rir quando este pratica uma má ação (LIVRO DE ATAS DO CLUBE DE MÃES DO GRUPO ESCOLAR NOSSA SENHORA DA SALETE, ATA Nº. 4, 5 DE MAIO DE 1962, p.4).

Sobre o matrimônio, prevalece a posição da Igreja, de que sua finalidade é a procriação. Se os noivos optarem por não ter filhos, então o matrimônio deixará de ter valor:

Só há um método para limitar os filhos e o único que a Igreja permite. (Para o qual não serão necessárias explicações, pois as mães já devem conhecê-lo.) As mães preparem bem suas filhas para o casamento. Muito mais do que para a vida religiosa (ATA N. 5 DE MAIO DE 1962, p.4).

O método do que falam é a abstinência sexual. Esta orientação, explica em parte as famílias numerosas da época. Mas isto era desejável, pois ainda havia muitas terras a serem ocupadas e exploradas “para o progresso da região”.

Notas

* Alceu Antonio Werlang é Graduado em Filosofia pela UPF, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor do curso de História da UNOCHAPECÓ.

** Vitor Marcelo Vieira é Graduado em História pela UNOCHAPECÓ.

Referências

DALLABRIDA, Norberto (org). **Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

FOCAULT, Michel. **Micro físico do Poder**. 20. Ed. São Paulo, Graal, 2004.

GIALDI, Francisco. **Maravilha: sua terra, sua gente, sua história**. 2. ed. Porto Alegre: EST Editora, 2003.

LEMES, Lucirlene Pertuzatti. **Educação em Maravilha: o pioneirismo da Escola Salete**. Porto Alegre, EST edições, 2005.

OTTO, Clarícia. **As escolas Italianas entre o Político e o Cultural: discursos e tensões na construção de sujeitos**. In: DALLABRIDA, Norberto (org). **Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na primeira República**. Fpolis: Cidade Futura, 2003.

PILATI, José Isaac. **História da Colonização de Maravilha**. Florianópolis: UFSC, 1991.

POLI Jaci. **Caboclo**: Chapecó: Unoesc, 1995.

RENK, Arlene. **A colonização do Oeste Catarinense, as representações dos brasileiros**. Chapecó: Unoesc, 1995.

SOUSA, Rogério L. **As escolas Paroquiais**. IN: DALLABRIDA, Norberto (org). Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na primeira República. Fpolis: Cidade Futura, 2003.

THOMÉ, Nilson **Civilizações do Contestado**. Caçador: Imprensa Universal, 1981.

Abstract

This paper presents reflections about the relation among Companhia Colonizadora Sul Brasil, Church and the school. The research was developed considering the documents of Escola de Educação Básica Nossa Senhora da Salete. The beginning of Congregação das Irmãs de Notre Dame works in Brazil happened on July,07 of 1923 in the city of Não Me Toque – RS. In 1953 the provincial Mother, Maria Imengarda, of the Santa Cruz province situated in Passo Fundo – RS came to Maravilha with a mate to found here a primary school which happened in April, 1957. The theme considered by the Notre Dame sisters was based on prevention. With this Christian view, the regional society was formed considering this religious aspect, which will influence ethic and moral families costums. Concisely, the society of Maravilha was formed following Christian philosophy, which establishes the rules and education of the town. The documents access made possible the analysis of pedagogical methods undertaken by the sisters and the hard discipline. With the implantation of Seminário da Sagrada Família, the Church disciplines the population. The Christian education exceed the school limits to reach meeting of Clube de Mães, also conducted by the sisters.

Keywords: education, colonization, moral, religion, congregation

